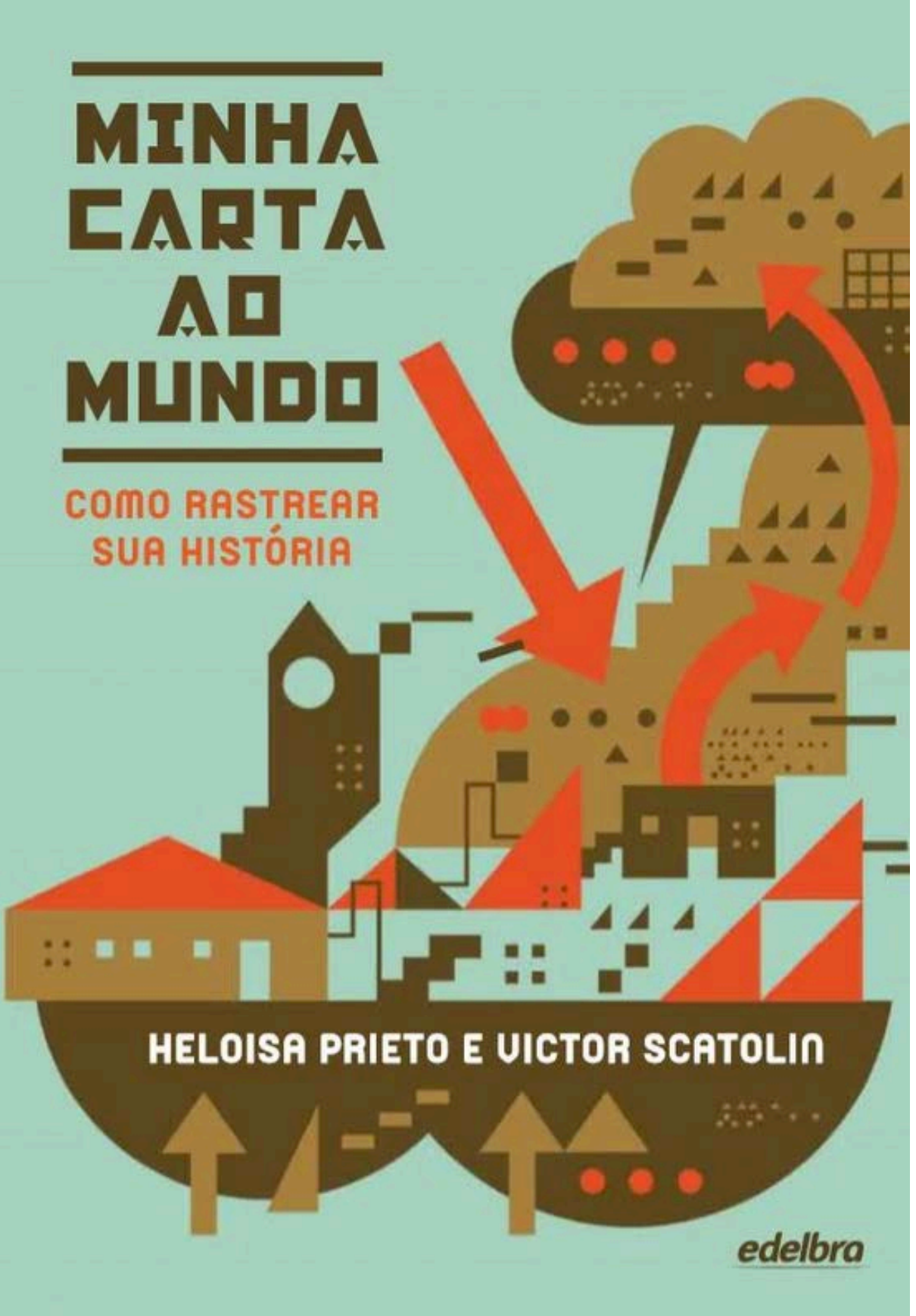

MINHA CARTA AO MUNDO

COMO RASTREAR
SUA HISTÓRIA

A stylized illustration of a ship with a cityscape on its deck. The ship is dark brown with a white hull. On the deck, there are various buildings, including a tall clock tower, a red-roofed building, and a large red arrow pointing down towards the center of the ship. The background is a light teal color. The authors' names are written in white on the ship's hull.

HELOISA PRIETO E VICTOR SCATOLIN

edelbra

MINHA ADM

COMO RASTREAR

CARTA UNDO

SUA HISTÓRIA

HELOISA PRIETO & VICTOR SCATOLIN

edelbra

Projeto gráfico e editoração LUCIANA FACCHINI

Ilustração da capa DANIEL BUENO

Revisão CLÁUDIA BECHLER

1ª edição, 1ª impressão

P949m

Prieto, Heloisa

Minha carta ao mundo – como rastrear sua história/ Heloisa Prieto, Victor Scatolin – Porto Alegre: Edelbra, 2021.

88 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5750-019-4

1. Novela infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil - novela. I. Scatolin, Victor. II, Título.

CDU 087.5

Catlogação na fonte Paula Pêgas de Lima

2021

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

À MEMÓRIA DE JERUSA PIRES FERREIRA

À MEMÓRIA DE JULIA FRANK NEMETH

À MEMÓRIA DE TATIANA BELINKY

OS AUTORES, CARINHOSAMENTE, DEDICAM ESTA HISTÓRIA AO DIRETOR WAGNER DA SILVA, À VICE-DIRETORA CLÁUDIA VASCONCELOS RODRIGUES LIMA E A TODOS OS QUERIDOS AMIGOS, LEITORES E JOVENS POETAS DA E.E. DULCE LEITE DA SILVA, PROGRAMA DE ENSINO INTEGRAL.

OS AUTORES AGRADECEM A HARRY BROWNE E A TODOS OS ESCRITORES DO GRUPO INKIES (DUBLIN/IRLANDA) POR SEU GRANDE APOIO E INCENTIVO.

AGRADECEM TAMBÉM A JEREMY MURPHY POR SEUS ÓTIMOS COMENTÁRIOS E OPORTUNAS SUGESTÕES.

ESTA É MINHA CARTA AO MUNDO
QUE NUNCA ME ESCREVEU -
A NOTÍCIA ORDINÁRIA A NATUREZA
ME DEU -
COM GRAÇA MAJESTOSA
SUA MENSAGEM ESTÁ ATADA
ÀS MÃOS QUE EU NUNCA VI -
POR AMOR A ELA - MEIGA -
CONTERRÂNEOS
TERNAMENTE - JULGUEM-ME

EMILY DICKINSON

CAÍQUE

O PÁSSARO DAS ÁGUAS

ED

EL BRA

“Todo poema é uma espécie de carta.

Todo poema contém uma história...”

Assim pensava Caíque, enquanto atravessava a rua assobiando.

“Não uma história normal, com começo, meio e fim”, ele dizia a si mesmo.

“Poemas contam outro tipo de coisa. Como um fragmento da vida de uma pessoa. Ou talvez a história de um nome próprio. Sua mãe sempre lhe dizia que tinha escolhido o nome Caíque do antigo idioma tupi. Caíque significa o pássaro que voa sobre as águas. Ele gostava disso. Mesmo que, às vezes, sua mãe lhe dissesse que se arrependia dessa escolha, porque ele vivia com a cabeça nas nuvens.

Contam coisas como um pedaço da história do dia em que ele tinha sentado no banco da praça, ao lado de seu Ângelo, o melhor sambista da cidade, em seu entender. Ou ainda, o novo poema que se desenhava agora em sua imaginação, enquanto ele tentava capturar o momento em que descobriu a combinação das palavras com a música. Isso levou-o a olhar para as aves da praça. Pensar que as aves voam para longe como palavras ao vento. Ouvir o canto delas, que era tão variado quanto as falas das pessoas. Nuvens... Poemas podem se desenhar na mente da gente. O segredo é saber como capturá-los.

Caíque correu até a praça.

Escolheu o banco vazio, sob a árvore antiga, acolhedora. Tirou o caderno da mochila. Abriu na página em branco. Olhou para o céu. E desenhou um poema...

N V M E N S
L V V E N S

Sorriu satisfeito.

Respirou fundo.

Levantou-se e seguiu a caminho da escola, atravessando a praça. Caíque sentia-se feliz ao lembrar do ano passado.

Todo mundo dizia a Caíque que ele tinha conseguido realizar seu sonho. Achavam que o garoto agora era um poeta. E o menino ria e respondia que nem rimar direito ele sabia. Para Caíque, era como se a poesia que brotava em sua cabeça fizesse com que ele conseguisse enxergar coisas.... Nada era chato na sua vida, porque, aos seus olhos, não existia tédio. Qual seria o contrário de chato? Legal? E a diferença entre um e outro?

A poesia de Caíque não tinha só a ver com coisas bonitas, como o voo das aves ou o canto do sabiá. Se tinha uma coisa que ele sabia fazer bem era poema-piada, poema-imagem, poema-tristeza para se alegrar. Poema vazio. Poema silêncio. Poema que não acabava mais.

Quando Caíque dizia um poema, todos paravam para ouvir. Mas teve também quem o criticasse, quem lhe dissesse que toda poesia é inútil no final.

Caíque devolveu:

E a vida é útil?

A gente serve para quê?

E ele mesmo concluiu:

Toda vida é um poema, todo poema é vida.

ED DEL BRA

JÉSSICA

POÉTICA AMBULANTE

“Jéssica era um poema caminhante”.

“Se eu fosse escrever minha história secreta, começaria com essa frase”, pensou Caíque, quando chegou no quarteirão da sua escola.

Ele a viu recitar um poema quando Jéssica saiu vencedora do festival literário.

Era como se dizer poemas fosse a coisa mais natural do mundo para ela, uma espécie de linguagem. Bem, se a poesia era o idioma de Jéssica, estava na hora de Caíque aprender como se expressar daquele mesmo jeito.

Acontece que Caíque se considerava uma piada ambulante.

Tímido. Desajeitado. Estúpido mesmo.

Todo mundo queria ser amigo da Jéssica. Por que ela iria prestar atenção nele? Um garoto baixinho, sem noção, que tinha acabado de chegar à escola...

Só que, ao lado da escola, havia uma praça. Todas as tardes, Ângelo Blanc cantava seus sambas, tocando violão, de modo que o primeiro amigo de Caíque, assim que ele se mudou de bairro, talvez um dos melhores amigos de sua vida inteira, era esse senhor de setenta anos, compositor aposentado que adorava passar as tardes cantando suas antigas canções para quem quisesse ouvi-las.

Quando Caíque começou a se sentir à vontade a ponto de comprar e oferecer pipocas a Ângelo Blanc, depois de ter aprendido muito sobre vários tipos de ritmos, sambistas famosos, rimas e tudo mais, ele também ouviu uma confidência:

– Eu tive uma musa na minha vida... disse Ângelo a Caíque, enquanto dedilhava o violão.

– É mesmo?

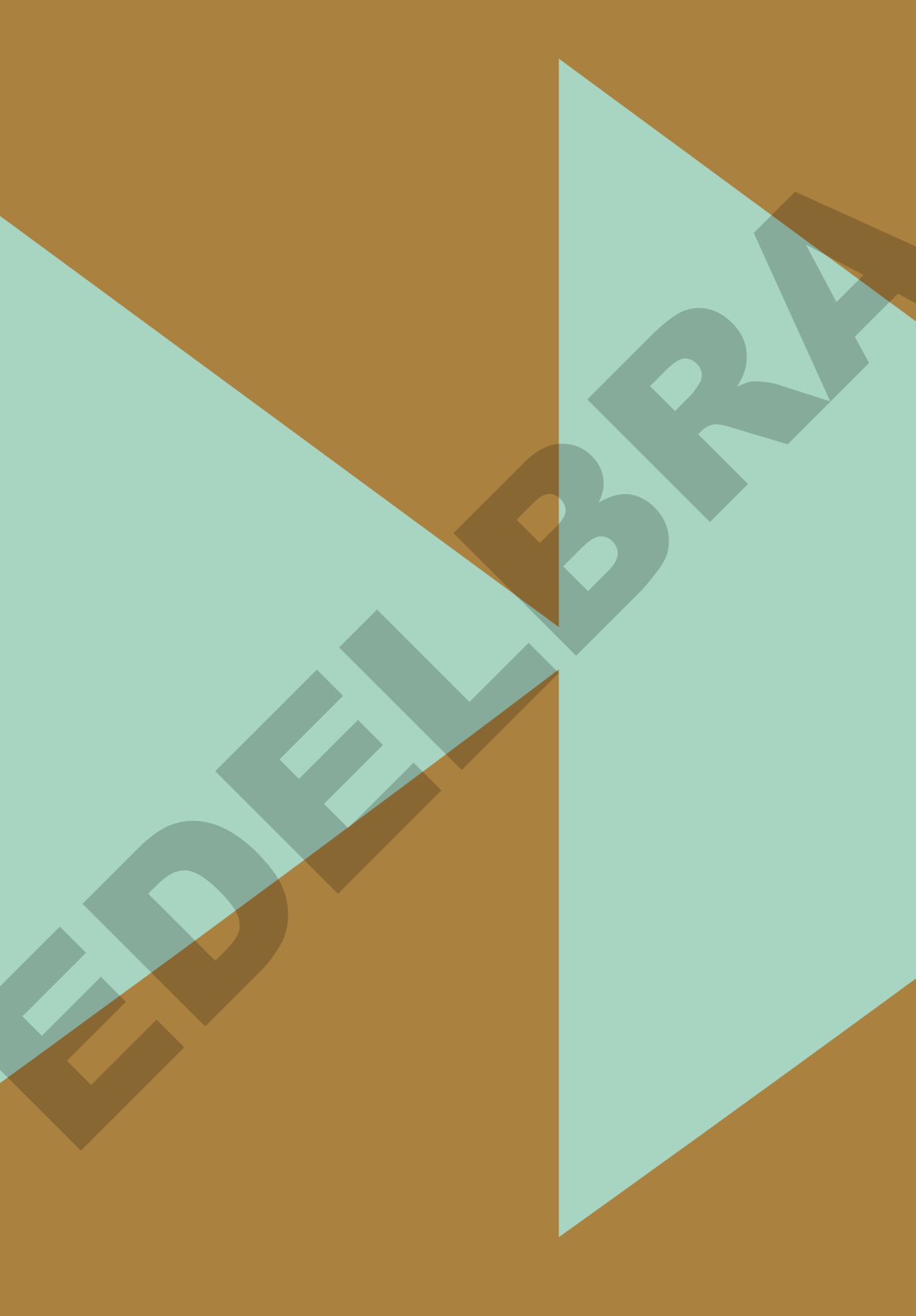
– E eu estou achando que você, meu garoto, também tem uma musa; se não, por que é que haveria de estar aqui? Você me parece alguém que gosta de hip-hop, funk, quem sabe? Mas samba de raiz? Só mesmo uma musa muito linda para trazer um garoto da sua idade para o samba... Estou certo?

Caíque nunca respondia às perguntas de seu Ângelo. Ele puxava a aba do boné para a frente do rosto, escondendo o sorriso, enquanto ficava só olhando para os tênis. Nisso, ainda dedilhando uma canção doce e melodiosa, seu Ângelo começou a dizer:

– Irina Yurievna nasceu na Rússia. Ela mudou-se para o Brasil ainda menina. Aqui, ela se casou, teve um filho que lhe deu um netinho. Quando o marido dela faleceu, Irina começou a escrever poesia. Nós nos conhecemos bem aqui, neste mesmo banco da praça. Ela me trazia seus poemas, eu lhe retribuía com minha música... Trocamos nossas experiências de vida, segredos de família, compartilhando sonhos que jamais poderiam se realizar na idade em que estávamos, mas, principalmente, apreciamos esse nosso encontro. Algo que jamais teríamos sonhado. Uma dádiva da vida para duas almas vividas como as nossas...

DORA

A GUARDIÃ DAS BELEZAS



– Diga sua história preferida e direi quem você realmente é!

O jogo de adivinhação de Dora atraía muitos alunos para a biblioteca da escola. Não só seus olhos largos, castanhos, seus lábios ironicamente sorridentes e o jeito caloroso de ser, como também seu vasto conhecimento sobre livros acabaram por transformar a biblioteca num espaço muito frequentado. Assim que ela assumiu o posto de bibliotecária, jovem recém-formada, Dora foi organizando as prateleiras segundo novas categorias, tais como: “livros adaptados para as telas”, “livros esquisitos e superdivertidos”, “eternos e favoritos”, “clássicos”, e daí em diante. Ela também colocou um tapetinho cercado de almofadas e o apelidou de “o tapete voador dos contadores de histórias”. Para sua grande surpresa, muitos adolescentes adoravam ficar ali, contando histórias, e o espaço foi ocupado por outra galera além dos pequeninos, como ela tinha imaginado originalmente.

Na hora do intervalo, Dora gostava de caminhar ao longo dos corredores, espiando pelas janelas das portas das classes, só para dar uma olhada em seus queridos leitores.

“Desde quando bater com os dois pés no chão virou sinal de alegria?”. Dora se fazia essa pergunta ao passar pela classe de Caíque. O garoto a viu pela janela e sorriu para sua professora preferida. Em seguida, olhou para os próprios pés sobre o assoalho laminado de sua classe. Um do lado do outro, cuidadosamente posicionados sob a carteira. A mochila no colo, pois Caíque não gostava que ela ficasse ao seu lado, caída no assoalho. Mochila no chão era certeza de ser atropelada, chutada para longe; ter Yuri na carteira de trás, Jéssica na carteira de um lado, Murilo na carteira do outro era como fincar-se numa estranha

constelação de alegria, irritação e surpresas. Yuri não sabia ser alegre sem batucar forte com os dois pés no assoalho. Murilo só era ele mesmo quando deslizava no chão até seu lugar quase cair, gritando antes de sentar. Batucada e correria era caderno despencando, lápis rolando entre as cadeiras. Mas tudo cintilava quando Jéssica sorria. Ela sempre iluminava o rosto dos três vizinhos sem se aborrecer com tanto ruído, sem se atrapalhar com tanto movimento. Ela sorria, enquanto Caíque sentia alegria, depois irritação. A combinação era sempre a mesma. Tão bom estar perto de Jéssica, tão irritante estar cercado de dois malucos bagunceiros. Mesmo que Murilo e Yuri fossem, no final, seus melhores amigos.

No ano passado, Caíque era o único a ter uma mochila diferenciada. Não porque ela fosse nova ou colorida, mas porque todo mundo sabia que ela portava poesia. No ano passado, Jéssica tinha vencido o prêmio como a autora do mais belo poema do festival de poesia. Ao contrário de Caíque, que levava consigo a “mochila biblioteca”, Jéssica preferia deixar os livros em sua estante, no quarto, e carregar consigo apenas um: o preferido do momento.

Dora seguiu pelo corredor e foi até a sala dos professores tomar seu café com leite. Ela ainda se lembrava do dia em que Caíque a procurou, dizendo que queria aprender a rimar. Lá estava ele agora, a mochila pesada de tantos livros de poesia, olhando fixo para Jéssica, que, por sua vez, ria das gracinhas do Murilo e do Yuri. Nada era mais gratificante do que contagiar alguém com o gosto pela poesia... Principalmente se esse novo leitor fosse um garoto tão jovem para o tamanho de seu talento literário. Quando a própria poesia é a tutora de jovens poetas, a roda da beleza se põe a girar e a alimentar cabeças e corações. Para Dora, toda bibliotecária era uma espécie de guardiã das belezas do mundo.

Ela deteve-se no corredor um minutinho só para espiar pela janela da porta da classe, e, nisso, o professor de matemática a viu e a cumprimentou com um sorriso caloroso, embora seus olhos demonstrassem curiosidade e surpresa. Sem querer invadir o espaço

de aula do colega, Dora voltou à biblioteca, os pensamentos voando em sua mente.

Sim, Irina fora o amor derradeiro de seu pai, Ângelo. Ser filha de um sambista renomado como Ângelo Blanc realmente havia inspirado Dora a tornar-se uma bibliotecária. No começo, seu pai teve dificuldade em entender os elos entre música e livros. Ângelo tinha uma expectativa no sentido de que sua filha se tornasse uma cantora ou atriz. No lugar disso, sua menina tão quieta, tão linda, tão adorada, amava ler o tempo todo a tal ponto de sua opção pela biblioteconomia surgir como algo muito natural.

Irina, a moradora da casa mais bonita da rua diante da praça.

A mesma casa que agora abrigava a biblioteca comunitária, também um centro cultural.

Dora não sentia ciúmes do amor entre Ângelo e Irina. Na verdade, ela até ficou aliviada ao ver que seu pai tinha encontrado alguém para amar depois de ter se tornado viúvo. Ela parou um minuto tentando rastrear essa história. Ângelo tinha se aposentado como funcionário público e já fazia planos para a tão sonhada segunda lua de mel com sua mãe. Eles até já haviam comprado as passagens para a viagem até o Rio de Janeiro, onde pretendiam passar duas semanas, visitando parentes, frequentando a praia, comendo em restaurantes, fazendo passeios turísticos e tudo mais. Dois dias antes de pegarem o avião, sua mãe faleceu de um derrame fatal. Dora passou a temer pela saúde de seu pai, mas acontece que Ângelo tinha o samba no sangue, como ele mesmo gostava de dizer. Seu pai trancou-se no quarto e passou dias tocando violão sozinho, sem vontade de dormir, comer ou mostrar suas canções. Até que Dora simplesmente entrou no quarto pela janela aberta da casa térrea onde moravam e se sentou ao lado dele para ouvi-lo tocar.

– Pai, nunca imaginei que o senhor pudesse tocar cada vez melhor! Que a música estivesse dentro do senhor dessa maneira! – ela disse a ele, com lágrimas nos olhos.

O próximo passo foi trazer seus sobrinhos para ouvir a música do avô. Eles gostaram tanto que acabaram trazendo os amigos também.

Até que, certa manhã, para grande surpresa de Dora, Ângelo apenas declarou:

– Agora eu sei o que fazer pelo resto de minha vida!

Foi assim que seu Ângelo, pai de Dora, transformou-se no sambista mais popular da praça, sempre cercado de garotos que paravam para ouvi-lo na saída da escola, senhoras aposentadas e outros colegas da terceira idade, assim como qualquer pessoa que se sentisse capturada pela beleza de suas canções.

Como uma coisa sempre leva à outra, o amor de Ângelo pela falecida dona Tereza inspiraram canções singelas, que chamaram a atenção de uma viúva, a senhora Irina Yurievna, a mesma senhora que se tornaria sua querida companheira na escrita de letras de música, naturalmente gerando novas e belíssimas canções.

Mas a vida sempre continua e chegou a vez de Irina partir, vitimada por um enfarte fulminante. Uma vez mais, Ângelo consolou-se com sua música, decidindo agora que tocaria as canções de Irina todo santo dia. Qual foi sua surpresa quando Ângelo se viu diante de um novo desafio: levar um garoto atrapalhado e tímido, chamado Caíque, a apreciar a poesia, o samba, a improvisar versos, a ouvir seus conselhos, despertando em Ângelo o desejo de novamente reencontrar-se com os belos poemas do mundo.

Quem poderia adivinhar?

Tanto o pai quanto a filha, envolvidos com o mesmo desafio: inspirar um jovem poeta, ambos trilhando o mesmo caminho... Sem que um soubesse do outro, é claro.

“Eu queria tanto que dona Irina ainda estivesse viva”, “não que se possa dizer que ela não vive mais” – pensou ainda Dora, que depois disse em voz alta:

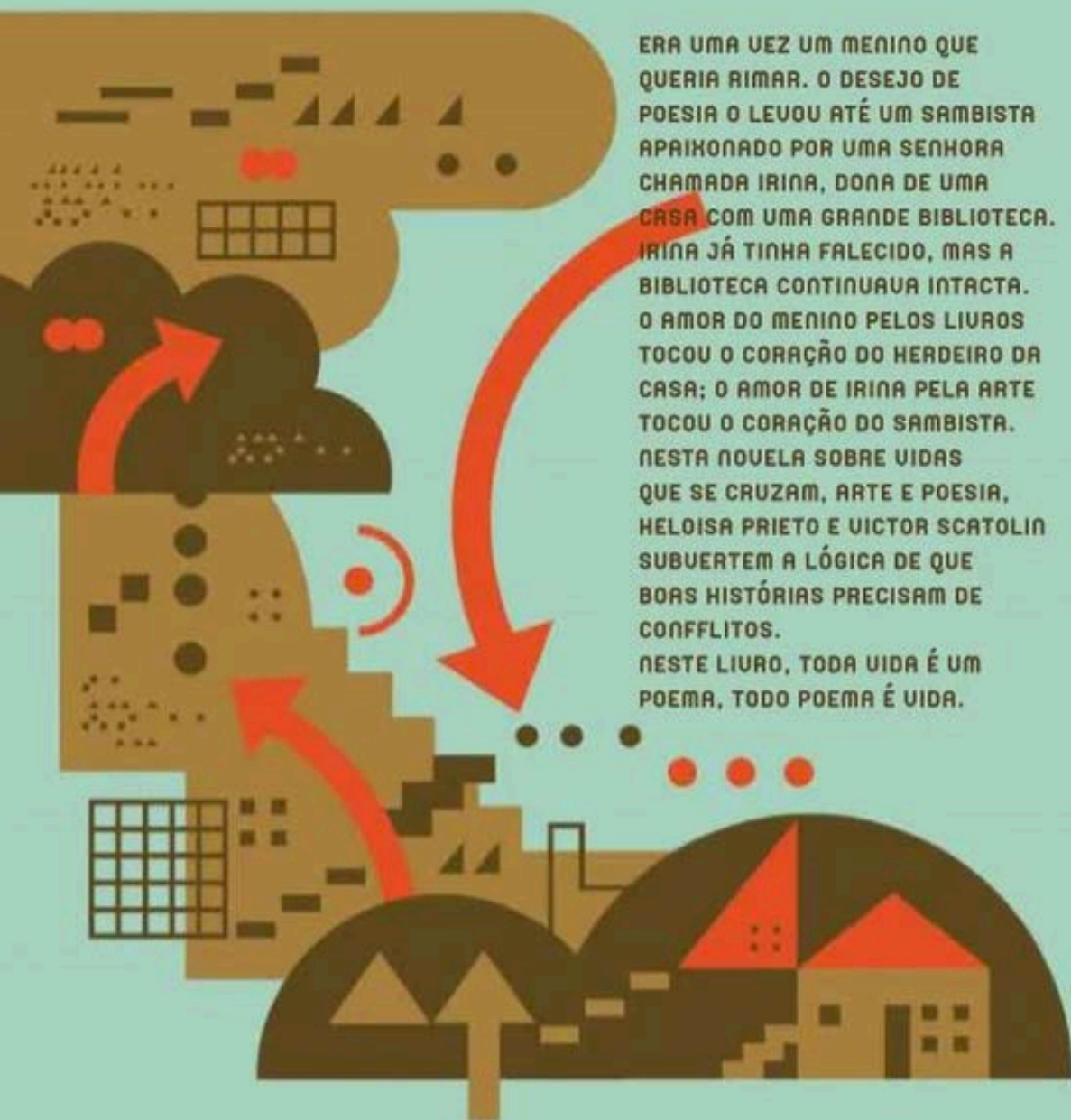
– Dona Irina, a senhora vive no coração de todos nós, agora... A senhora vive através de meu pai, Ângelo Blanc, o sambista, a senhora vive através de Caíque, que iria adorar conhecê-la, o mais jovem poeta de nossa escola. O verdadeiro elo entre todos nós, o rastreador de poesia. Sim, esse mesmo Caíque, o jovem discípulo de papai, o garoto

que o incentivou a compor mais sambas, não apenas sobre a perda da mulher amada, mas também sobre o amor eterno. Ela sorriu só de pensar em seu pai sentado no banco do parque, tocando violão para Irina, a poeta russa que morava na casa mais confortável do quarteirão. A história era tão linda que daria um livro. Ou um samba. Um poema, ou todos ao mesmo tempo... A senhora também vive através de seu neto Yuri, meu aluno tão querido...

Dora entrou de volta à sua biblioteca, certa de que iria diretamente para a prateleira de romances russos. Ela adorava emocionar-se, e quanto mais longo o livro melhor. Assim ela demorava a sentir aquela tristeza típica que dá na gente na hora de chegar às últimas páginas de uma história preferida. Por isso ela escolhia Tolstói, e hoje fora a vez de Anna Kariênina, em que logo de cara leu: “Todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são cada uma à sua maneira”.

Secou as lágrimas súbitas, ouviu o sino tocar. Os garotos agora saíam de suas classes, mas Dora sempre deixava a porta aberta uma hora após o término das aulas. Assim, quem quisesse, ainda teria tempo de correr e pegar emprestado um livro.

Acontece que, naquela tarde, Dora seria recompensada com uma bela surpresa.



ERA UMA VEZ UM MENINO QUE QUERIA RIMAR. O DESEJO DE POESIA O LEVOU ATÉ UM SAMBISTA APAIXONADO POR UMA SENHORA CHAMADA IRINA, DONA DE UMA CASA COM UMA GRANDE BIBLIOTECA. IRINA JÁ TINHA FALECIDO, MAS A BIBLIOTECA CONTINUAVA INTACTA. O AMOR DO MENINO PELOS LIVROS TOCOU O CORAÇÃO DO HERDEIRO DA CASA; O AMOR DE IRINA PELA ARTE TOCOU O CORAÇÃO DO SAMBISTA. NESTA NOVELA SOBRE VIDAS QUE SE CRUZAM, ARTE E POESIA, HELOISA PRIETO E VICTOR SCATOLIN SUBVERTEM A LÓGICA DE QUE BOAS HISTÓRIAS PRECISAM DE CONFLITOS. NESTE LIVRO, TODA VIDA É UM POEMA, TODO POEMA É VIDA.